



Agroecologias e territorializações da feira cultural da reforma agrária no Ceará *Agroecologies and Territorialization of the Agrarian Reform Cultural Fair in Ceará.*

CASSUNDE, Jose Ricardo de Oliveira ¹; LIMA, Andrea Lucia Silva²; SOUSA, Francisca Clarice Rodrigues de³, CASSUNDÉ, Maria Regina de Oliveira⁴

¹Instituto Federal do Ceará-IFCE, ricktec2@hotmail.com; ² Instituto Federal do Ceará, andrealslima@hotmail.com, Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, clarice.luar@gmail.com; ⁴

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN, mariacassunde@alu.uern.br)

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: A grande quantidade de agrotóxicos utilizados agricultura capitalista, e se considerarmos a quantidade que foram liberados agora com a última des-governança em que o nosso país foi submetido, nos trouxe uma profunda reflexão sobre o consumo de alimentos, mais precisamente quanto a “verdade sobre os alimentos”, ou melhor qual o caminho dessa produção até chegar às diversas mesas da capital cearense. Portanto, a realização da feira cultural da reforma agrária traz consigo a construção do fortalecimento dos territórios camponeses, incentivando o debate sobre a importância de se comprometer com a saúde da população do campo e da cidade, considerando o papel da agroecologia nessa mediação. Objetivando de forma breve a territorialização da referida feira como processo de organização da produção camponesa e sua relação com a cidade e seus consumidores, pois sua integração forjam relações extremamente necessárias para fortalecer os processos de resistências junto aos assentamentos de reforma agrária.

Palavras-chave: agroecologia, reforma agrária, feira, territorialização.

Introdução

A humanidade vivencia profundamente uma crise que afeta significativamente os camponeses/as mais que do neoliberalismo global e do modelo econômico capitalista que almeja crescimento infinito em um planeta de bens naturais finitos. O modelo econômico desenvolvimentista recorre a uma tecnologia que exacerba os limites dos bens naturais, levando-os à degradação e à exaustão.

Na atualidade a produção do agronegócio tem se mostrado hegemônica, como margem para os PIB's e demais índices da produção agropecuária brasileira. Trata-se de um modelo de desenvolvimento emergido do avançar do capitalismo na agricultura e na pecuária sempre fundamentados em pacotes tecnológicos (sementes transgênicas, agrotóxicos, fertilizantes químicos etc.) impostos por grandes empresas transnacionais do ramo agropecuário, assim como, no latifúndio, nos grandes monocultivos e como traços desta submissão da classe camponesa ainda trazemos presentes diversas situação de trabalhadores/as em situações análogas á escravidão.



Grande parte da produção desse modelo está atrelada ao mercado externo como os cultivos da soja e do milho transgênicos, enquanto a agricultura camponesa é a responsável, segundo os Censos Agropecuários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2006 e 2017, pela maior parte dos alimentos básicos que chegam à mesa do povo brasileiro, mesmo que com a menor disponibilidade de terra.

É nesse cenário de reafirmações necessárias que surge a Feira Cultural da Reforma Agrária no Estado do Ceará, coordenada pelo MST, mais construída em parceria com diversas organizações da classe trabalhadora que se encontram nos assentamentos organizados em cooperativas e associações que desenvolvendo as estratégias da solidariedade vão conquistando espaços para comercialização e incentivando a produção e a gestão nos diversos territórios.

Nesse, sentido pensar a territorialização da agroecologia com foco na feira cultura da reforma agrária, nos desperta para entender que a produção agroecológica ao ser deslocada até a cidade para sua comercialização, mesmo que ainda seja desleal essa condição quando comparadas pelas condições e investimentos na agricultura familiar versus agronegócio, que o tem tornando discrepante essa disputa com esse “mercado” de relações essencialmente capitalistas. Mas é nesse cenário que apresentamos essa produção vinda de territórios camponeses que ocupam e refletem o lugar da comida saudável como território em que a cidade, mesmo composta por diversos trabalhadores/as de outros segmentos, devem acessar.

Mesmo com as diversas investidas do capital na “grande produção” vamos afirmando que, enquanto o modo capitalista de produção orientar os rumos da sociedade, a agroecologia é possível nesses espaços de esperança (HARVEY, 2012), territórios de r-existência (PORTO- GONÇALVES, 2018) com as resistências cotidianas descolonizadoras (SCOTT, 2013; PEREIRA, 2017), mesmo com diversos traços coloniais, as lutas atuais rumam para uma ruptura mais forte destas imposições externas e com certeza a organização camponesa integrada a cidade consciente é caminho para fortalecer a agroecologia e outros construtos sociais.

De fato, as feiras é uma construção coletiva e de muita resistência, uma vez que o agronegócio controle os diversos fluxos de produção, onde a agricultura capitalista no casamento com a agroindustrialização dos alimentos condicionam o afastamento dos camponeses das feiras pois nelas os diversos atravessadores assumem a tarefa de feirantes, muitas vezes até negando a produção camponesa.

Por tanto, a realização das feiras tem representado uma retomada dos camponeses no fortalecimento de seus territórios, pois são espaços de troca de saberes, sabores, culturas e de solidariedade. No caso da Feira Cultural e Agroecológica da Reforma Agrária tem se configurado como um território que garante a presença camponesa na cidade, dialogando, comercializando e promovendo agroecologias.

Metodologia

A proposta de pesquisa faz parte de uma construção documental do setor de produção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra –MST com foco na



organização e territorialização na Feira Cultural da Reforma Agrária, que utilizou-se de uma breve pesquisa bibliográfica quanto a importância e a estratégia das feiras para a agricultura familiar e camponesa, como também as diversas conversas com feirantes e consumidores, seus depoimentos e partilhas que foram construindo as possíveis análises da espacialização da feira.

Resultados e Discussão

Nossa feira tem se tornado o espaço de referência dos trabalhadores quando da organização do excedente de sua produção para a venda, pois está no calendário dos camponeses assentados que no terceiro sábado do mês é possível sim articular junto ao setor de produção do MST sua garantia de comercialização, o que motiva e fomenta a cooperação e a solidariedade entre produtores/feirantes.

Por sua vez, destacamos que a territorialização da Feira Cultural da Reforma Agrária que tem crescido a cada dia, destacamos que iniciamos a primeira feira no ano de 2016 e estamos na 82ª edição, ou seja, estamos com quase sete anos de realização da mesma e nesse caminhar fomos avançado também nas divulgações, na produção nos territórios, na diversidade produtiva, na consciência dos trabalhadores produtores com a realização de dias de campo e formação específica para os produtores feirantes quanto a importância da produção agroecológica e acima de tudo sobre “o que queremos comer e vender”.

Quanto a territorialização, trazemos presente como nessa caminhada a feira foi se especializando em especial na capital cearense, fazendo uma menção ao período pandêmico em que as demandas de entregas de nossos produtos cresceram fortemente, chegamos a atingir um pico de 800 entregas, onde muitos consumidores após esse processo passaram a frequentar nosso espaço de feira e comprar além dos produtos outros materiais. Ainda na concepção de espacialização no momento estabelecemos relação de entregas e compras *in loco* no contingente de 30 bairros de Fortaleza-Ce, o que representa um grande diálogo e conscientização com a população urbana.

Conclusões

Considerar a produção camponesa como elemento central da sobrevivência das populações citadinas e que seus alimentos são agroecológicos, é afirmar que o MST ao organizar suas feiras realiza ações que promovem saúde. E que se faz necessário e urgente afirmar a justeza da reforma agrária para a produção de alimentos saudáveis.

Nesse contexto, afirma-se que o MST compreende que a agroecologia só é possível com a realização de uma reforma agrária ampla e massiva e que ela não pode estar distanciada da luta por uma alimentação saudável proporcionando segurança alimentar e nutricional. E na construção de um projeto de sociedade e de campo que garanta a soberania alimentar dos povos. Por fim, acreditamos que a realização da Feira Cultural e Agroecológica da Reforma Agrária do Ceará, tem se constituído como fonte de inspiração e resistência camponesa, quando da conscientização dos camponeses/as com relação a agroecologia como esta ciência



a serviço de uma relação harmônica com a natureza, com a solidariedade junto aos mercados, considerando a fortaleza da interação existente entre os camponeses e os trabalhadores na cidade estabelecendo vínculos de companheirismos mais acima de tudo a promoção da saúde coletiva e individual de camponeses e consumidores em defesa da vida, da agroecologia e da reforma agrária.

Referências bibliográficas

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

PEREIRA, Edir. **Resistência descolonial: estratégias e táticas territoriais**. In: Revista Terra Livre. São Paulo, Ano 29 (2017), Vol.2, n 43, p. 17-55.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

SCOTT, James C. **A Dominação e a Arte da Resistência: discursos ocultos**.

Trad. De Pedro Serras Pereira. 1ª ed. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2013.

<https://mst.org.br/2021/11/14/mst-retoma-feira-cultural-da-reforma-agraria-no-ceara/>

<https://censoagro2017.ibge.gov.br/>